

Código X5UK934Z - Questão 4.

Saraswathy propõe a teoria da effectuation em que se diferencia da lógica causal do empreendedorismo de adaptabilidade tecnológica; para que observe o empreendedorismo oriundo dos recursos disponíveis em territórios periféricos e de vulnerabilidade onde o princípio do "passar na mão" (bird in hand) torna-se o motor de início do empreendimento que aproveita-se da "colcha de retalhos" (rags, quilt) para relacionar opositores originais de um sistema empreendedor competitivo; em aliados em prol do desenvolvimento microeconômico regional; identificado também em Simen como uma ciência do artificial, em que se aproveitam das habilidades e competências conjuntas associadas aos recursos disponíveis para dar segmento ao projeto empreendedor, sem que se retire do recurso de sobrevivência da família e da comunidade/região ativos para dar sequência ao empreendedorismo. Considerando a escassez de ~~recursos~~ recursos possíveis para o investimento na condução da lógica effectual; há o condicionamento microeconômico do desenvolvimento tecnológico por meio das relações sociais sustentadas nesta região periférica como forma de coordenar a evolução no mercado empreendedor e sua demanda e consumo; ao que a economia de concepção e a economia solidária reforçam os princípios trazendo a interação da comunidade em prol do objetivo empreendedor comum para a condição de não somente produzir bens de consumo rápidos e uma linha de produção empurrada, mas uma condição de produção voltada à usabilidade e sustentabilidade do consumo gerando valor de uso/útil (e a continuidade deste recurso em uso contínuo por meio de tecnologias sociais circulares de produção). A visão de Saraswathy se distan

(9)

cia da visão macroeconômica de Schumpeter da destruição criativa e das condicionantes desenvolvidoras de pesquisa-ação por permitir a interação e a inovação aberta ampliando a rede de interação e conhecimento empreendedor entre academia-governo-sociedade, por meio dos recursos e relações disponíveis na lógica efectivação em ações nas regiões periféricas em seus princípios supracitados.

14

Código X5UK 9544 - Questão 9.

A adequacia vista em Hirsch leva à condição da estrutura organizacional em que a evolução da inovação ocorre observando o planejamento estratégico da organização em sua visão "top-down" e este condicionamento do planejamento de inovação tecnológica culmina em fator de inclusão e freio à inovação por não perceber a variabilidade do fluxo do processo produtivo; por não observar o uso exaustivo da condição mental do colaborador (e seu desgaste mental na operação de sistemas, máquinas e interfaces simultâneas) que leva ao conflito intra e inter-equipes nas etapas do processo produtivo (que reagem à exaustão e às falhas processuais em "feudos" organizados que personalizam as atividades e tarefas sem disseminar informações entre as outras equipes) de forma a entregar o produto e/ou serviço demandado com a menor evolução de erros, falhas, desgastes, variabilidades, não-conformidades e exaustão física e mental.

As empresas brasileiras precisam desenvolver seus projetos e planejamentos de inovação com a visão holística do fluxo de trabalho, com visão tática e operacional (from the bottom-up) que já conheçam o organismo sistêmico em suas vulnerabilidades, gargalos e adaptações à escassez de recursos e insumos em conformidade sequencial do processo produtivo da organização. As empresas brasileiras não podem somente realizar inovação imitativa como citadas por Rigge; mas devem observar o manual de Oslo (principalmente em sua 4^a edição) que traz a estruturação da inovação voltada aos processos de novos lapsos como as atividades meio e o marketing da organização (e.g.). A margem de manobra deve ser permitida para se adaptar protótipos de inovação a ser

testados pelas equipes antes da implantação da inovação planejada evitando o aumento dos custos de investimento em inovações. Desta forma, observando-se as características supracitadas, é possível inovar nas empresas brasileiras sem prejuízo e perda de retorno sobre o investimento.

(dy)

Código: X5UK9SYZ - Questão 3

A diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real está no entendimento do dever-fazer para mitigar a vulnerabilidade e a variabilidade, versus o como-fazer que é planejado como forma operacional do trabalho no fluxo do processo produtivo. Entender a realidade do cotidiano processual do fluxo de trabalho, para que assim, estudando sua ergonomia, se eleve a eficiência e produtividade; é a base das críticas feitas por dejours aos modelos tradicionais de avaliação do trabalho nas organizações; que não analisam a exaustão física e mental do operador devido a essa vulnerabilidade e variabilidade recorrente no fluxo sistêmico do trabalho. Outros autores como Barnes e Shepherd também abrem a questão da saúde e segurança do trabalho após estudos no processo produtivo de forma a reduzir o absenteísmo e presentismo dos colaboradores. Analisar as condições de gênero e produtividade de sobre práticas inclusivas na engenharia do trabalho permite entender a necessidade de ajustes e retificações sistêmicas operacionais em suas interfaces (permitindo a condução da inovação tecnológica), bem como a necessidade de redução de variabilidade no processo produtivo em que os colaboradores se exaurem devido às condições de meta de entrega do bem e/ou serviço demandado. A análise ergonômica do trabalho (AET) em todos os aspectos compreende que o trabalho prescrito do como-fazer é inoperante e irreal às condições laborais reais do trabalho sem a análise deste. A identificação do de sign é outro fator importante na AET porque mitiga a exaustão do colaborador ao fazer da tecnologia o meio e não o fim da condicionante inovadora; principalmente em processos produtivos de alta tecnologia com grandes interfaces e telas operacionais que disparam a

(2)

a exaustão mental (e.g.) - logo, passas da metodologia de mere estudo de tempos e movimentos por Taylor à visão da AET de Leijonhurs e da Escola Francesa de Ergonomia só favorece a produtividade e sustentabilidade da organização.

11

④

Presunho - Código: X5 UK 95 YZ

(a) Sarasvathy propõe a teoria da effectuation em que se diferencia da lógica causal do empreendedorismo de adaptabilidade tecnológica, para que observe o empreendedorismo oriundo dos recursos disponíveis em territórios periféricos e de vulnerabilidade onde o princípio do "passar na mão" (bird in hand) torna-se o motor de início do empreendimento que aproveita-se da "colcha de retalhos" (raggy quilt) para relacionar opostos originais de um sistema empreendedor competitivo em aliados em prol do desenvolvimento microeconômico regional; identificado também em Simon ~~o~~ como uma ciência do artificial, em que se aproveitam habilidades e competências conjuntas associadas aos recursos disponíveis para dar seguimento ao projeto em empreendedor, em que se ~~disputa~~ ^{retira} do recurso de sobrevivência da família e da comunidade/região ativos para dar seguimento ao empreendedorismo. Considerando a escassez de recursos possíveis para o investimento na condição da lógica effectual, há o condicionamento microeconômico do desenvolvimento tecnológico por meio das relações sociais sustentadas nesta região periférica como forma de condicionar a evolução do mercado empreendedor e sua demanda e consumos, as que a economia de concepção e a economia solidária se exercem os princípios trazendo a interação da comunidade em prol do objetivo empreendedor para a condição de não somente produzir bens de consumo rápido e uma linha de produção emperrada, mas uma condição de produção voltada à usabilidade e sustentabilidade do consumo gerando valor de uso e a continuidade deste recurso em seu contínuo por meio de tecnologias e relações circulares de produção. A visão de Sarasvathy se distancia da visão microeconomia de Schumpeter da destruição criativa e das condicionantes desmoldadoras de pesquisa-e-~~desenvolvimento~~ ^{desenvolvimento} por permitir a interação e inovação aberta ampliando

Q2 A abordagem vista em Hirsch leva à análise da estrutura organizacional em que a evolução da inovação ocorre ~~de~~ observando o planejamento estratégico da empresa em uma visão "top-down" e este condicionamento do planejamento de inovações tem a lógica das empresas ~~que~~ culmina em fatores de ineficiência e prejuízo da inovação por não observar a variabilidade do fluxo do processo produtivo ^{por não observar} da condição mental do elaborador (e seu desgaste mental na operação de sistemas, máquinas e interfaces simultâneas) que leva a conflitos intra e inter-equipes nas etapas do processo produtivo (que reagem à exaustão e às falhas processuais em "faixas" organizadas que personalizam as atividades e tarefas) de forma a entregar o produto e/ou serviço demandado com a menor evolução de erros, falhas, desgastes, variabilidades, não-conformidades e exaustão física e mental.

As empresas brasileiras precisam desenvolver seus projetos e planejamentos de inovação, com a visão holística do fluxo de trabalho produtivo, com visão tática e operacional (bottom-up) que faça enxergar o organismo/sistema em suas vulnerabilidades, gargalos e adaptações à escassez de recursos e insumos em conformidade sequencial do processo produtivo da organização. As empresas brasileiras não podem somente realizar inovação imitativa como é todo perigoso, mas devem observar o Manual de Oslo principalmente em sua 4ª edição que traz a estruturação da inovação voltada aos negócios de negócio e o apoio de suporte do marketing e outras atividades metódicas da organização. A margem de manobra deve ser permitida para adaptar o protótipo da inovação a testado pelas equipes da implantação da inovação planejada.

evitando a ~~exaustão~~ fadiga física e mental dos colaboradores e o aumento dos custos de investimento em inovação. Nesta forma, observando-se as características supracitadas é possível inovar nas empresas brasileiras sem prejuízo e perda de retorno sobre o investimento.

(123) A diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real está no entendimento do fazer-fazer para mitigar a vulnerabilidade e a variabilidade versus o que é planejado ~~como~~ como forma operacional do trabalho no fluxo do processo produtivo. Entender a realidade do cotidiano processual do fluxo de trabalho para que assim, estudando sua ergonomia, a eficiência e produtividade é a base das críticas feitas por Dejours aos modelos tradicionais de avaliação do trabalho nas organizações, que não analisam a exaustão física e mental do operador devido a essa vulnerabilidade e variabilidade inerente no fluxo sistêmico do trabalho. Outros autores como Barnes e Shepherd também observam a questão de saúde e segurança do trabalho ^{a ser estudada no processo produtivo de forma} ~~Sistema do fluxo produtivo das organizações~~ ^{reduzindo} ~~absenteísmo e presenteísmo dos colaboradores.~~ Analisar as condições de gênero e produtividade sobre práticas inclusivas na engenharia do trabalho ~~permite~~ ^{permite} entender a necessidade de ajustes e retificações sistêmicas de máquinas e suas interfaces ~~também~~ (permitindo a condução da inovação tecnológica) bem como a necessidade de redução de variabilidade no processo produtivo em que os colaboradores se exaurem devido às condições de meta de entrega do bem/serviço demandado. A análise da ergonomia do trabalho (AT) em todos os aspectos compreende que o trabalho prescrito do como fazer é insoperante e irreal às condições laborais reais do

trabalho sem a análise da realidade do fluxo de trabalho no processo produtivo. A identificação do design é outro fator importante na AET porque mitiga a exaustão do colaborador, principalmente em processos produtivos de alta tecnologia com grandes interfaces e telas operacionais que disparam a exaustão mental (e.g.). Logo, passar da metodologia do mero estudo de tempos e movimentos em Taylor à visão da AET de Lejourné e da Escola Francesa de Ergonomia só favorece a produtividade e sustentabilidade da organização.

(a) A rede de interação e conhecimento empreendedor entre academia - sociedade - governo permeia os recursos e relações dependentes na lógica effectual emanada nas regiões periféricas em seus princípios supratados.

CONCURSO DE PROFESSOR DE MAGISTÉRIO SUPERIOR

EDITAL 875 – MC-003 – PROGRAMA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

ÁREA: Empreendedorismo, Inovação e Tecnologias Sociais

PROVA ESCRITA

PONTOS SORTEADOS:

2 – Empreendedorismo como uma ciência do artificial e a compreensão da dinâmica do processo *effectuation*

3 – Fatores indutores e fontes da inovação na empresa com referências ao contexto brasileiro

8 – A metodologia da AET - Análise Ergonômica do Trabalho

Questão 1: Explique os cinco princípios centrais da teoria da *effectuation*, proposta por Saras D. Sarasvathy, destacando suas principais características e discutindo, comparativamente, como as ações de empreendedores que atuam segundo a lógica da *effectuation* se aproximam e se diferenciam das ações de pesquisadores que desenvolvem pesquisa-ação.

Questão 2: Caracterize a adocracia como estrutura organizacional, exemplificando com casos de empresas brasileiras e analisando como esta estrutura pode ser fator de indução e freio da inovação nas empresas.

Questão 3: A ergonomia contemporânea propõe compreender o trabalho real para além das prescrições formais das organizações. A partir das contribuições da ergonomia da atividade e da psicodinâmica do trabalho, discute-se a diferença entre o trabalho prescrito e o trabalho real, bem como os limites das formas tradicionais de avaliação do desempenho. Explique a diferença entre trabalho prescrito e trabalho real, destacando por que essa distinção é fundamental para a análise ergonômica do trabalho, incluindo as críticas feitas por Dejours aos modelos tradicionais de avaliação do trabalho nas organizações e de que forma a análise do trabalho real pode contribuir para a transformação das condições de trabalho e para a melhoria da saúde e da eficiência nas organizações.

